



No mês de comemorações e manifestações em torno do 8M, o Neseq apresenta a série de entrevistas "Mulheres, movimentos sociais e trabalho", destacando a presença e participação, em diferentes contextos políticos e movimentos sociais, de quatro mulheres que estão contribuindo para transformar as desigualdades de gênero no país.

A primeira entrevista é com Anazir Maria de Oliveira – mais conhecida como Dona Zica –, 89 anos, que foi uma das lideranças do Sindicato de Trabalhadoras Domésticas do Rio de Janeiro-RJ e hoje é coordenadora da Pastoral Afro de Bangu-RJ. Ela nos fala sobre a sua trajetória política, as parcerias com o movimento negro e o movimento feminista, além do vínculo entre ativismo e religião. A entrevista foi conduzida por Thays Monticelli (Neseq/PPGSA/UFRJ).



Thays Monticelli: Como foi e quais os motivos que fizeram a senhora entrar para o Sindicato de Trabalhadoras Domésticas?

Dona Zica: É, sou doméstica. Eu fui doméstica desde os 9 anos até poucos anos atrás. E a luta do sindicato começa aqui na comunidade, porque eu comecei a atuar num grupo aqui da pastoral, Pastoral do Trabalhador, um grupo grande de homens e passamos a participar três mulheres como trabalhadoras domésticas, certo? E

não conseguimos adaptar com eles, a forma como eles colocavam a situação de trabalho, do trabalhador, enquanto sindicalista e tudo mais. Então, por exemplo, eles falavam de negociação coletiva, falavam de data base, era uma coisa totalmente desconhecida. Então nós resolvemos fazer um grupo nosso, só de trabalhadoras domésticas e conseguimos reunir um grupo maior de mulheres trabalhadoras. E assim aconteceu. Em 1 de maio de 1976 foi o primeiro encontro que fizemos na comunidade, foi muito interessante porque eu não tinha nenhum conhecimento de luta, como organizar um encontro e tal. Então nesse encontro as mulheres vieram, umas vinte mulheres, para nós conversarmos com elas e nós não tínhamos um plano de como começar a conversar. Então, qual foi o nosso primeiro tema de conversa com as mulheres trabalhadoras domésticas? Falar mal das patroas (risadas). Não tinha outra coisa para falar, porque não preparamos nada. Hoje eu entendo que falar mal das patroas foi uma troca de experiência, no dia-a-dia da doméstica, no seu local de trabalho. E nesse dia também, para mim foi muito importante, porque em 1972 eu trabalhava com uma família e a minha patroa perguntou se eu tinha direito a carteira assinada. Eu disse a ela que não, que trabalhava somente um dia na semana e que por causa disso não teria direito. E nesse encontro tinha uma doméstica, também diarista, com carteira assinada. Então quando terminou o nosso encontro eu fui conversar com ela, informar como ela tinha conseguido assinar a carteira enquanto diarista, ela me orientou e tal e falou da Associação de Trabalhadoras Domésticas. Aí no dia seguinte eu fui trabalhar e falei para a patroa que eu tinha direito sim. Então, a partir daí eu me tornei uma doméstica de carteira assinada, o que foi bastante importante para a minha aposentadoria.

A caminhada do Sindicato de Trabalhadoras Domésticas começou na comunidade, com pequenas experiências e trabalhos de nós mesmas. E esse grupo foi crescendo, nos organizamos, começamos a nos organizar e fomos pensando na categoria. E uma das coisas mais importantes é que nós descobrimos então que já havia uma instituição, uma associação de classe, desde a década de 60, e em 76 nós não conhecíamos. Então fomos procurar a Associação de Trabalhadoras Domésticas, fomos conhecer como a Associação funcionava e aí nós começamos a atuar na Associação. E este grupo que começou lá em 1976, em 1978 já não era mais o grupo de trabalhadoras domésticas de Vila Aliança, já era o grupo de trabalhadoras domésticas da Zona Oeste, porque nós já tínhamos ido em várias

paróquias, nós já éramos o grupo de trabalhadoras domésticas da Zona Oeste, nós nos reunimos desde Magalhães Bastos até Igreja até Santa Cruz. E foi assim o início da minha caminhada enquanto trabalhadora doméstica em busca de direitos. E fomos caminhando, nós nos filiamos, nós éramos diaristas, até hoje aqui na baixada a maioria é diarista, e nós fomos atrás do nosso estatuto, como diaristas poderíamos também filiar à Associação. Nos filiamos e fui entrosando cada vez mais com a Associação, me aproximando cada vez mais com as atividades. E minha primeira atividade na Associação foi o convite para participar do III Congresso da Associação de Trabalhadoras Domésticas em Porto Alegre-RS. E aí eu vi o quanto era importante a nossa categoria a nível nacional, dessa forma que fui atuando, atuando, esses foram meus primeiros passos na categoria.

Thays Monticelli: ao longo da trajetória do movimento de trabalhadoras domésticas vocês tiveram muito apoio e muita parceria com outros movimentos, como por exemplo, do movimento negro, do movimento feminista, você poderia falar um pouco sobre essas alianças?

Dona Zica: isso, na medida que nós nos apresentamos e nos tornamos conhecidas, nós fomos convidadas a participar destes movimentos. Nós participamos e criamos essas parcerias, principalmente as parcerias sindicais, com o Sindicato dos Metalúrgicos, principalmente dos Metalúrgicos, tivemos um apoio muito grande dos Metalúrgicos. Então foi dessa forma, a gente era convidada e íamos adquirindo parcerias quando éramos convidadas.

[E como foi a parceria com o movimento feminista...]

Dona Zica: eu acho que foi muito importante, porque à medida que nós íamos nos integrando nesses grupos, a gente foi descobrindo a nossa identidade. A nossa diferença com outras mulheres, a nossa diferença enquanto mulheres de periferia, as nossas diferenças em relação a realidade de outras mulheres. Então foi, assim, o movimento feminista é muito grande e muito importante e, para nós, ele foi importante para gente se entender enquanto mulheres, inseridas em um movimento. Nós conseguimos descobrir também como trabalhar dentro da nossa categoria as nossas demandas, as nossas demandas como trabalhadoras, as nossas demandas enquanto mulheres sem direitos trabalhistas. Dentro dessa situação e

por causa do movimento feminista nós nos reconhecemos como mulheres e deveríamos buscar a nossa liberdade e a nossa emancipação enquanto trabalhadoras.

[e a aproximação do Sindicato com movimento negro?]

Dona Zica: é, para mim foi importante, porque até a década de setenta eu não entendia que tinha sofrido várias discriminações. Eu não entendia essa diferença do olhar da sociedade em nosso corpo negro. Eu não entendia que a nossa categoria de trabalhadoras domésticas tinha a ver com o movimento negro, porque se a gente avalia né, a maioria das trabalhadoras são mulheres negras. O primeiro movimento negro que eu integrei foi o MNU (Movimento Negro Unificado), nós caminhávamos juntos, entendeu? E hoje eu vejo com uma clareza muito maior, a partir de quando eu me integrei no movimento negro, as questões da categoria. E tem um movimento muito importante que é a ONG Criola, porque a ONG Criola me fez reconhecer, realmente, o quanto é difícil viver como negro, como mulher negra e quando a gente não tem essa noção do quanto a gente tem que lutar, que temos que enfrentar o preconceito, a discriminação, tudo isso. Então, nos grupos do movimento negro, foi MNU por um tempo e a ONG Criola.

Thays Monticelli: E hoje, com a "PEC das Domésticas" aprovada, o que você vê de diferença na luta das trabalhadoras domésticas?

Dona Zica: olha, pouca. Nós conquistamos nossos direitos, em 2015 nós entramos para os direitos trabalhistas. Era o nosso maior sonho, a nossa maior garra, ter os nossos direitos em igualdade, mas quando você pergunta "e hoje?", hoje eu acho que nós precisamos lutar muito ainda para que esses direitos sejam realmente respeitados. Nós temos trabalhadoras domésticas que ainda não vivem, não reconhecem que esses direitos são delas, eu conheço muita gente que ainda passa muita dificuldade com sua relação de trabalho, da sua relação como trabalhadora doméstica. Eu acho realmente que falta muito ainda para que os nossos direitos, que foram conquistados, sejam respeitados.

Thays Monticelli: hoje você está na Pastoral Afro, certo? Você pode falar um pouco sobre a pastoral....

Dona Zica: Sim, eu sou coordenadora da Pastoral Afro de Bangu e também sou coordenadora da Diocese, da afro diocesana. A Pastoral Afro existe há alguns anos, mas aqui no Rio de Janeiro, ela foi criada em 2014. Nós começamos um grupo aqui na nossa comunidade e começamos a participar de uma atividade que era organizada próximo do bairro, que tinha todo ano no mês da Consciência Negra. E até então eu nem sonhava em pensar em uma pastoral, mas aí começamos a participar dessa atividade enquanto Igreja, eu tinha a responsabilidade das organizações de base, de celebrações. E aí que eu conheci Frei Tatá, Frei Tatá é um padre da baixada, negro e ele trazia da baixada para cá grupos de pastoral que ele já trabalhava para participar das nossas atividades aqui em Padre Miguel. E essa participação, esse grupo, nós juntas, nós começamos a perceber a importância de estar como negros, como mulheres negras, dentro de uma organização maior. Então começamos a participar em Nilópolis, na baixada fluminense, das atividades de lá, na paróquia onde o Frei Tatá estava. Nós participamos lá por mais ou menos uns três anos e, depois, resolvemos trazer a pastoral para a Diocese do Rio de Janeiro. Só que aqui no Rio de Janeiro já existia um grupo desta pastoral e nós não conhecíamos, esse grupo era de Parada de Lucas, mas eles trabalhavam isolados, só na paróquia, não tinha uma movimentação maior. Então trazemos para o Rio de Janeiro, fizemos na Zona Oeste dois grupos paroquiais, um de Vila Aliança e outro de Bangu. E começamos a nos organizar, esse trabalho foi crescendo, crescendo, criando grupos em outras paróquias, hoje tem em Santa Cruz também. Então foi crescendo, o Frei Tatá nos dando apoio e em 2014 a nossa Pastoral foi reconhecida pela Diocese, até então só éramos um grupo de paróquia. Então nós estamos vinculadas às pastorais sociais, nós somos uma pastoral social. Por que social? Porque o nosso trabalho não é dentro da Igreja, o nosso trabalho é dentro e fora das igrejas. O nosso trabalho é na comunidade, nosso trabalho é nos movimentos, fazendo despertar em cada local essa necessidade do povo negro lutar pelas nossas demandas, para nosso povo negro perceber que é discriminado e não percebe. Uma vez que se reconhece os direitos, uma vez que se reconhece o quanto é importante estar em uma luta, não é uma luta somente pastoral, mas é uma luta social. Nós estamos integradas em outras pastorais sociais. Então nossa

luta é essa, levar uma conscientização que somos capazes de lutar bastante, juntas, para diminuir essas formas de preconceito, principalmente pelo preconceito sutil, que muita gente passa por ele e não percebe. E cada vez mais somos chamados para falar da pastoral, mas também para falar dessa sociedade onde a negritude não tem espaço, pensar essa sociedade com dignidade e igualdade.

Thays Monticelli: Dona Zica, você tem uma trajetória com as pastorais e com a Igreja desde muito nova, desde a Associação de Trabalhadoras Domésticas até agora nas pastorais. Você acha que a religião é uma aliada nessa luta?

Dona Zica: Acho. Porque eu estou na Igreja Católica desde criança e dentro das lutas sociais depois. Eu me entendi como pessoa, as dificuldades que eu enfrentava e que eu não conhecia a partir dessa atuação da Igreja, porque eu era somente cristã de Igreja, mas tivemos aqui na nossa comunidade um padre italiano, o Padre Bruno. Então esse Padre Bruno nos ensinou como trabalhar a questão social, como trabalhar os nossos direitos, a criação de associação de moradores, de movimentos e a nossa luta foi para fora. Porque nós tínhamos como conhecimento cristão naquele momento a Teologia da Libertação, as comunidades eclesiais de base, então elas são formadas para o conhecimento social. Então me ajudou muito.

[E hoje? continua?]

Dona Zica: olha, eu acho que mudou. Tem algumas religiões, algumas religiões evangélicas, que trabalham de um outro jeito a questão da consciência, da consciência social. Por isso é tão importante a integração com outros movimentos. Eu vejo no próprio sindicato de trabalhadoras domésticas, meninas que começam a atuar recentemente com essa visão, que só tem que ter o olhar religioso, tem que ter uma caminhada dentro da questão religiosa e que o social não faz parte. Mas à medida que elas vão se engajando, que elas vão se integrando, elas vão se apropriando desta questão maior, certo? Que é a questão social, a busca de direitos, que se integram também em outros movimentos. Nós temos aqui na CMP (Central de Movimentos Populares), que eu sou coordenadora também, temos pessoas de várias religiões, alguns até falam que são ateus, mas se integram com outros movimentos. Isso é o mais importante, se integrar com respeito.

Entrevista realizada no dia 09/03/2023 para a série "Mulheres, movimentos sociais e trabalho" do Neseq.

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Programa de Pós-Graduação em Sociologia & Antropologia

Neseq - Núcleo de Estudos de Sexualidade e Gênero

(<https://www.nesegufrj.com.br/>)